

Explosivo coquetel de amadorismo

BRASÍLIA — A Casa Civil não consegue conciliar a organização das viagens presidenciais — um prato feito para contatos com lideranças políticas regionais — com os interesses do governo no Congresso. O Gabinete Militar não consegue oferecer uma segurança eficiente, que oriente o presidente sobre as situações de risco. O gabinete do presidente insiste em programar maratonas a todos os cantos do país, uma correria que só tem paralelo nas viagens de campanha. E o presidente Fernando Henrique Cardoso, disciplinado, cumpre as decisões dos assessores, pagos para cuidar dessas áreas que estão dando problemas.

Ao contrário dos seus antecessores — Fernando Collor não obedecia à segurança e Itamar Franco não queria segurança —, Fernando Henrique tem perfeita noção do papel que ela desempenha em suas viagens e, desde que foi eleito, obedece as ordens. O

problema é que não existe orientação. Ele não se arrisca, só faz o que lhe é permitido, desde que seja informado.

Quem convive com o presidente sabe que até hoje ele não ouviu nenhuma recomendação especial da segurança. E que, neste caso, fala mais alto o político Fernando Henrique, que não dispensa o contato com o povo e os discursos para multidões.

Fernando Henrique subiu no *deck* que desabou em Carajás (PA) porque a segurança deixou. Foi cercado por manifestantes numa viagem ao Rio porque foi o caminho que lhe indicaram. Quase leva uma pedrada em Campina Grande, porque foi ali que a segurança colocou seu ônibus. No fim de semana, o presidente refletiu e pediu aos assessores que mudem tudo. O momento exige medidas vigorosas.

Ira — O coquetel explosivo que mistura amadorismo e incompetência provocou no fim de semana a ira do presidente. A pedra

de 300 gramas que acertou o ônibus presidencial em Campina Grande (PB), e por pouco não atinge Fernando Henrique, acabou acertando em Brasília, onde desde ontem o presidente deu um basta e pediu providências.

Como lembra um assessor, se pedras (como em Campina Grande) e ovos (Xingó, AL) — acertam o ônibus presidencial, não há nada que impeça que um tiro atinja o mesmo alvo. Os amigos do presidente admitem que o palácio está completamente perdido na organização das viagens. Os contatos políticos não são feitos adequadamente, as viagens são muito corridas e, em alguns casos, marcadas desnecessariamente. Houve uma, a Conceição do Araguaia (PA), no Bico do Papagaio, que foi marcada e cancelada em seguida. A viagem ao Nordeste, no fim da semana passada, envolveu cinco estados quando, na verdade, o presidente ia mesmo a reunião da Sudene.